



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

LUIZ OTÁVIO BORGES DA SILVA

TVs DA AMAZÔNIA LEGAL: UMA REALIDADE DESCONHECIDA

Goiânia 2021



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

TVs DA AMAZÔNIA LEGAL: UMA REALIDADE DESCONHECIDA

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

LUIZ OTÁVIO BORGES DA SILVA

TVs DA AMAZÔNIA LEGAL: UMA REALIDADE DESCONHECIDA

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

Data de defesa: 02 de dezembro 2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Profa. Ma. Sabrina Moreira de Moraes Oliveira

Jornalista Marcio Venício Nunes

Dedico este trabalho à Deus, pois devo a Ele tudo o que sou. A meus pais, pois é graças a seus esforços que hoje posso concluir este curso. Aos amigos e familiares que me ajudaram ao longo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, por ter me dado saúde e determinação para não desanimar ao decorrer da realização deste trabalho.

Também extendo minha gratidão a meus pais, que me apoiaram e incentivaram nos momentos difíceis, me dando todo suporte em toda minha jornada acadêmica e pessoal.

Minha gratidão a todos que participaram da elaboração deste trabalho, direta ou indiretamente, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

A todos meus professores que me forneceram conhecimento ao decorrer de minha formação, não só profissional mas também pessoal. Em especial, agradeço à Professora Doutora Eliani Covem, por ter me orientado e desempenhado essa função com dedicação e amizade.

Quando perdemos a capacidade de nos indignarmos com as atrocidades praticadas contra outros, perdemos também o direito de nos considerarmos seres humanos civilizados.
Vladimir Herzog

RESUMO:

O documentário *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida* aborda um trabalho pouco conhecido no jornalismo brasileiro, que são as Retransmissoras de Sinal da Amazônia Legal, responsáveis pela produção audiovisual local. A narrativa do filme mostra todo um debate sobre o jornalismo televisivo que é realizado em pequenos centros, as dificuldades encontradas por falta de apoio e os principais impactos na comunidade local. Apresenta ainda uma discussão em torno do trabalho dessas emissoras, dos funcionários, do jornalismo realizado e do público que assiste a programação.

PALAVRAS-CHAVE: TVs Regionais, TV Local, Retransmissora de Sinal, Amazônia Legal, Jornalismo.

ABSTRACT:

The documentary *TVs da Amazônia Legal: an unknown reality* addresses a little-known work in Brazilian journalism, which are the Signal Relays of the Legal Amazon, responsible for local audiovisual production. The film's narrative shows a whole debate about television journalism that takes place in small centers, the difficulties encountered due to lack of support and the main impacts on the local community. It also presents a discussion about the work of these stations, the employees, the journalism carried out and the public that watches the programming.

KEYWORDS: Regional TVs, Local TV, Signal Relay, Legal Amazon, Journalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	11
REFERENCIAL TEÓRICO	11
1. Documentário.....	11
1.1 Documentário – conceitos e teorias.....	11
1.2 Técnica de produção do documentário.....	13
1.3 A história do documentário no Brasil.....	15
2. TV Regional e Local	19
3. Retransmissoras de sinais de TV.....	22
4. Grupo Mato-Grossense de Comunicação.....	25
5. Mapas das cidades	27
CAPÍTULO II.....	29
MEMORIAL.....	29
Luiz Otávio Borges da Silva	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICES	34
APÊNDICE I – ROTEIRO.....	34
APÊNDICE II – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	44
APÊNDICE III – AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO	58

INTRODUÇÃO

O filme documentário *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida* mostra como funciona uma retransmissora de sinal de TV na Amazônia Legal, principalmente a produção de conteúdo jornalístico, apresentando um conteúdo não muito abordado durante a formação acadêmica no curso de jornalismo. Assim, o filme deu voz para os profissionais que trabalham nestas emissoras e também o público que assiste a programação local.

Sabe-se que as retransmissoras de sinal de TV são pouco estudadas no Brasil. No documentário *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida* foi apresentado como essas emissoras instaladas na Amazônia Legal trabalham sua identidade local. Nogueira (2004) ressalta a importância de se falar do papel das pequenas televisões locais e de seu relevante papel como protagonista na cultura de massa.

Como base de referência, foi mostrado o grupo de comunicação instalado no extremo sul do Estado de Mato Grosso, o Grupo Mato-Grossense de Comunicação – GMTCOM, que gera conteúdo audiovisual local para quatro cidades da região analisada. No decorrer do filme, profissionais da área de comunicação relataram suas experiências e atividades nas emissoras em que atuam.

Após analisar as televisões regionais, Nogueira (2004) conclui que elas não conseguem valorizar a cultura de toda a área de alcance, pois cada região possui características e costumes diferentes e acabam tornando-se locais. Acreditando que as televisões locais têm mais condições de valorizar sua cultura, no documentário foi possível mostrar como o público vê e reage à programação destas emissoras locais.

Foram escolhidas três emissoras do GMTCOM, para mostrar como é feito o jornalismo e como se apresenta uma emissora de pequeno porte em funcionamento na Amazônia Legal. São elas: Record TV Alto Taquari, Record TV Alto Araguaia e Record TV Itiquira.

Primeiramente foram estudados os conceitos dos termos nacionais, regionais e locais em relação à programação de TV. Em um segundo momento, foi feita a visita às instalações das emissoras e analisada a programação atual, para, em seguida, dar início ao processo de produção do filme documentário.

O documentário tem a capacidade de influenciar a maneira como o espectador enxerga e atua no mundo (NICHOLS, 2010). Partindo daí, pode-se pontuar que o filme apresentado retrata uma forma de aprendizagem para futuros profissionais da comunicação, expondo uma nova forma de abordagem do jornalismo televisivo. Dessa forma, dentro das perspectivas

apresentadas por Rodrigues (2010), o filme documentário atesta a aparente unidade enquanto realidade, mostrando o vivido, encaixando assim no gênero de filme de não-ficção.

Os estudos realizados no decorrer da produção do filme, sobre técnicas de produção e sobre a história do documentário no Brasil, proporcionaram mais conhecimento para uma melhor abordagem do tema em todo seu processo, desde a produção, filmagem até sua montagem.

Sobre a metodologia empregada na gravação do filme, houve certa facilidade para realizar as gravações. Por causa da pandemia, devido ao agravamento dos casos da Covid-19, houve todo um cuidado farmacológico e de biossegurança nas gravações presenciais dos depoimentos, garantindo a segurança do autor e de suas fontes.

As gravações das entrevistas foram realizadas com um smartphone Samsung A31, assim como o som por meio do microfone de lapela Universal Lavalier Microphone, e algumas imagens de apoio com o aparelho celular Samsung J7 Prime 2. Os registros foram feitos pelo autor, sem contar com colaboração externa. Para a montagem e edição do produto, foram utilizados os programas de edição, Adobe Premiere e Adobe Photoshop.

A produção do filme agregou conhecimento ao autor, seja por meio de ampla pesquisa, ou da escuta colhida nas entrevistas. Dessa forma, o documentário *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida*, trouxe a vivência de novas experiências para o autor.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Documentário

O filme documentário é um gênero cinematográfico de não ficção, que conta histórias reais por meio de narrativas compostas de imagens e sons. Tem por objetivo retratar a realidade, a partir de um recorte feito pelo diretor, com enfoque no cotidiano, dando ênfase aos acontecimentos sociais. Um dos principais objetivos do documentário é registrar fatos, histórias e personagens reais. De acordo com Lucena (2004), esse registro de fatos começou com os irmãos Lumière em 1895, em que eram utilizadas imagens do cotidiano. O autor explica que o que é conhecido como documentário nos dias atuais se firmou a partir do ano de 1920, com filmes de Roberto Flaherty.

Os filmes de Flaherty, *Nanook of the north* e *Moana* (1926) levaram o produtor e documentarista inglês John Grierson a escrever uma crítica cinematográfica que foi publicada no *New York Sun* em 8 de fevereiro de 1926, quando usou pela primeira vez a palavra *documentary* (ou “documentário”), baseada no uso do termo francês *documentaire*, empregado para os filmes de viagem. “É claro que *Moana*, sendo uma exposição visual dos eventos cotidianos de um jovem polinésio e sua família, tem valor como documentário”, categorizou Grierson (LUCENA, 2004 p. 9).

1.1 Documentário – conceitos e teorias

Com o papel de trazer até ao espectador um recorte da realidade, o documentário foi criado justamente com o intuito de transmitir a mensagem aberta, o não fictício. Ramos (2008, p. 5) afirma que, mesmo sendo autoexplicativa, é necessária uma explicação aprofundada quando se trata de filme documental e de ficção.

O documentário passa a ser considerado como produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real (ou mundo histórico) e como protagonista os próprios “sujeitos” da ação. O filme ficção, por sua vez, tem sua construção condicionada a um roteiro predeterminado, cuja base é composta de personagens ficcionais ou reais, os quais são interpretados por atores.

O gênero cinematográfico surgiu com os irmãos *Lumière* em 1895 (LUCENA, 2012), quando foi documentada a primeira imagem em movimento, do cotidiano de empregados saindo de uma fábrica e um desembarque de trem. Há várias formas de desenvolver um filme documentário, todas elas contando histórias com recorte da realidade. Para Nicholls (2005, p. 102), as histórias contadas em filmes documentários se entrelaçam com a do cineasta, a do filme e a do público.

Em geral, portanto, podemos dizer que o documentário trata do esforço de nos convencer, persuadir ou predispor a uma determinada visão do mundo real em que vivemos. O documentário não recorre primeira ou exclusivamente a nossa sensibilidade estética: ele pode divertir ou agradar, mas faz isso em relação ao esforço retórico ou persuasivo dirigido ao mundo social existente. O documentário não só ativa nossa percepção estética (ao contrário de um filme estritamente informativo ou instrutivo), como também ativa nossa consciência social.

Vários autores procuraram estabelecer um conceito para o filme documentário. Para Da-Rin (2004) mesmo tendo seus limites fluídos e incertos, o documentário é multifacético. “É por reconhecer este caráter irredutivelmente plural que, ao invés de buscar uma utópica unidade no domínio do documentário, procura-se compreendê-lo por meio de sua dispersão” (DA-RIN, 2004, p. 9).

Longe de uma resposta, o documentário é visto como uma forma de prática social (DA-RIN, 2004). Gênero utilizado para apresentar a seus espectadores “novos mundos e experiências”, retratados com imagens reais (BERNARD, 2007).

Documentar é fazer história, dar voz, buscar soluções e mostrar situações antes não vistas e apresentadas para a sociedade. “Segundo Grierson, cabe ao documentário (e ao documentarista) desenvolver esse ‘tratamento criativo da realidade’, mesmo que ele inclua a reconstrução de determinado acontecimento” (GRIERSON, *apud* RAMOS, 2012, p.06).

Bernard (2007), afirma que os documentários não podem inventar pontos de trama ou arcos de personagens e, em vez disso, deve-se encontrá-los no material bruto da vida real. Diferente da ficção, o filme documentário está mais ligado ao factual, o que chama a atenção de uma parcela da sociedade podendo ter o alcance tanto local como globalmente.

O filme documentário e a ficção estiveram sempre em contradição, inúmeros autores apresentam discussões tentando solucionar essa diferenciação.

Para Flaherty e Grierson, a relação documentário X ficção resolvia-se em termos simples: o documentarista deveria filmar "a cena viva e a história viva"; e não a história imaginada e encenada por atores profissionais. Quanto à organização da história no plano do filme, tratava-se de aplicar "criativamente" as convenções da "linguagem cinematográfica" (DA-RIN, 2004, p. 130).

A forma de produção do filme documentário é o que o diferencia da ficção. Dessa forma, o documentário passa a imagem do real, diferente da ficção quando histórias são inventadas e romantizadas. O documentário tem todo o cuidado desde a sua produção até o produto final, para levar até o espectador o recorte da realidade de forma clara e objetiva.

Para Nichols (2005), o filme documentário é dividido em seis modos: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Podendo ser desenvolvido produtos com mais de um modo. O documentário *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida* foi produzido segundo os parâmetros dos modos expositivo e observativo.

No modo expositivo, o filme é dirigido ao espectador de forma direta, com legendas, vozes (*offs*) ou entrevistas. “Os documentários expositivos dependem muito de uma lógica informativa transmitida verbalmente” (NICHOLS. 2005, p. 143). Neste sentido, o modo expositivo depende da ênfase dada às falas dos personagens, que trazem sentido ao filme.

No modo observativo, o cineasta observa o que acontece na frente da câmera, sem interferência, deixando acontecer de sua forma mais real. A gravação se dá de forma natural, onde o profissional apenas aciona a câmera, sem muitos movimentos, deixando seu personagem mais livre para fazer o que lhe convém. O modo observativo ocupa-se em observar o outro em seu cotidiano.

1.2 Técnica de produção do documentário

A produção e execução de um filme documentário exigem a passagem por várias etapas que, em seu conjunto, garantem a qualidade do filme realizado. O planejamento é o ponto principal para a produção de um documentário, desde a escolha do tema até a forma de abordagem que será utilizada na filmagem, para isso a pesquisa é essencial. Nestas etapas o documentarista deve ter um cuidado essencial com seu produto, pois sua qualidade “depende em grande parte da qualidade do material de arquivo trabalhado” (PUCCINI, 2007, p. 86).

Após o estudo sobre o tema a ser abordado, a pré-entrevista é o próximo passo. Sendo a primeira ligação direta com a fonte, um momento de confirmar informações que poderão enriquecer o filme, como também, confirmar a permanência da fonte no documentário.

São úteis tanto para fornecer informações ou mesmo aprofundar informações já coletadas, como para servir de teste para se avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme no que tange ao comportamento de cada um diante da câmera

(no caso de pré-entrevistas gravadas em vídeo) e a articulação verbal do entrevistado (PUCCINI, 2007, p. 87).

Após o movimento Cinema Novo, no Brasil, na década de 1960, houve mudanças em todas as áreas cinematográficas, principalmente no documentário. Os produtores de documentário passaram a usar as mudanças tecnológicas a seu favor. Com a facilidade na produção, as filmagens e entrevistas foram consideradas como essenciais e trouxeram grande experiência nas filmagens.

Muitos acreditavam que este mecanismo tornava inquestionável a veracidade do que era dito, o que de fato é questionável, gerando infundáveis discussões sobre linguagem documental até os dias atuais. A câmera na mão provocava oscilações, tremores; ela se locomovia com o caminhar do fotógrafo, a luz era natural, estourada, portanto, na maioria das vezes deficiente (RODRIGUES, 2010, p. 87).

Após a pesquisa feita sobre o tema abordado, a localização de personagens, é o momento de pensar na elaboração do documentário. Puccini (2007), ressalta que não necessariamente o filme deve seguir um cronograma, muitos deles são resolvidos na produção direta, no pós-produção. Tendo sua construção de acordo com a história a ser contada no filme.

Para elaboração do filme documentário *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida*, utilizou-se as técnicas de abordagem apresentada por Puccini (2007), sobretudo da necessidade de pesquisa do tema, escolha de personagens e locações, o que facilitou todo o trabalho de gravação de imagens e entrevistas. As entrevistas foram realizadas levando-se em conta os planos e enquadramentos mais indicados, como o plano médio e o primeiro plano.

As entrevistas são utilizadas no documentário como um recurso de condução do tema, junto com o roteiro de edição que orienta a montagem do filme. Para Puccini (2007, p. 191), o importante nessa etapa é definir a estrutura do documentário: “esta será montada através de blocos temáticos claramente divididos? através meio da mistura de vozes e entrevistas?; através do respeito a uma ordem cronológica?; qual será sua abertura?; como será desenvolvido o tema?; qual será a sua resolução?”.

Portanto, o roteiro de edição será resultado de uma leitura atenta das imagens e sons contidos no material bruto. Segundo Puccini (2007, p. 191), a experiência de filmagem, o contato com o universo abordado, “pode subverter noções preliminares, esboçadas na pré-produção, criando novos focos de interesse para o filme o que obriga, ao realizador, pensar em uma nova organização do material que incorpore essas mudanças”.

A construção do roteiro do documentário *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida*, também foi realizada seguindo os preceitos técnicos de Puccini (2007). Depois de um minucioso trabalho de decupagem, com a transcrição de entrevistas e elenco de imagens, fez-se um estudo da ordem que as informações e depoimentos entrariam no filme, para que a narrativa ficasse mais clara para o espectador. Nesse sentido, a transcrição das entrevistas e análise de sequências de ação contribuíram para a elaboração do roteiro da montagem.

A etapa de montagem de um filme documentário, é o momento em que o documentarista adquire o controle da representação do filme. Para Puccini (2007), toda montagem do produto implica em uma boa roteirização que vai guiá-lo até o final do seu discurso, onde as escolhas de sons e imagens do filme sejam definidas.

Após ter todo material filmado, se inicia ao processo de montagem do material, pontua Puccini (2007, p. 188).

Na etapa de seleção inicial eliminam-se, de saída, todos os planos que apresentem problemas técnicos bem como aqueles que não possuem qualquer interesse para o filme. Essa primeira seleção irá facilitar o trabalho seguinte que é o da transcrição das entrevistas e decupagem das sequências de ação.

A estruturação do filme documentário deve andar junto com o tema central, afinal o documentarista busca responder as questões colocadas por ele desde o início da pré-produção de seu produto, levando até o público uma solução viável para o tema proposto. Portanto o momento da pós-produção é crucial para a elaboração final do filme e a definição do que realmente vai compor a narrativa definitiva.

1.3 A história do documentário no Brasil

No Brasil o filme documentário chegou em meados de 1896 junto com o cinema. O Rio de Janeiro foi a primeira cidade brasileira a ter sua primeira sala de exibição fixa, depois se espalhando pelas cidades importantes do país. A primeira imagem documentada brasileira foi da Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, por Adolfo Segreto¹. Nesta época, os realizadores de filme documentário eram na maioria das vezes estrangeiros, fotógrafos que mais tarde se

¹ Irmão de Pascoal Segreto, imigrante italiano, dono da primeira sala de “exibição fixa” do Rio de Janeiro (GONÇALVES, 2006, p. 80).

transformaram cinegrafistas. “Depois desta primeira experiência, os irmãos começaram a registrar regularmente os acontecimentos cívicos e a elite brasileira” (ALTAFINI, 1999, p. 03).

Cerimônias, festas públicas, aspectos da cidade, são filmados pelos irmãos num momento crucial de transformações, tornando-se praticamente os únicos produtores de cinema no Brasil até 1903. As ligações da família com o movimento operário e uma possível ligação de Afonso com anarquistas faz com que documente aspectos polêmicos dos acontecimentos políticos da época (MOURA, 1990, p. 18).

Com o surgimento de novos cineastas brasileiros, uma forma diferente de fazer cinema começou a ser estudada nos congressos que debatia o tema. Com uma visão realista, os novos cineastas caminhavam rumo ao desenvolvimento do Cinema Novo². “Uma nova geração de cineastas, críticos ao cinema que vinha sendo produzido no Brasil, estava surgindo” (ALTAFINI, 1999, p. 10).

Segundo Altafini (1999, p. 12), uma nova proposta de documentário surge com o Cinema Novo, assumindo um papel social crítico diante da sociedade, dando prioridade para relações éticas.

Antes o documentário era produzido com a finalidade de registrar uma “ilusão” de realidade e difundir aquele material filmado como uma ideia fechada, sem possibilidade de interpretações, onde a própria narrativa generalizante direciona o espectador para uma recepção passiva, simplificando a complexidade do real.

Grandes cineastas começaram a produção de documentários com o curta-metragem³. Filmes produzidos muitos deles dentro das próprias Universidades, quando movimentos de valorização da cultura foram criados, como o Centro Popular de Cultura – CPC⁴, que liderava alguns movimentos populares. O longa-metragem⁵ também era produzido pelas universidades, pois ainda estavam em processo de transição durante o Cinema Novo.

Destaque para o longa-metragem *Cinco vezes favela* (1962), filme de cinco episódios dirigidos por Marcos Farias, Miguel Borges, Carlos Diegues, Leon Hirszman e Joaquim Pedro de Andrade, que retratou os contrastes sociais através do cotidiano nas favelas. *Cabra marcado para morrer*, de Eduardo Coutinho, também nasceu no CPC, em 1964, mas foi paralisado devido ao golpe militar (RODRIGUES, 2010, p. 68).

² Começou a germinar em meados de 1952, nos Congressos de Cinema, marcando a ruptura da nova geração de cineastas (ALTAFINI, 1999, p. 10).

³ Filme breve que, com duração e finalidade variáveis, pode ter um propósito educativo, artístico, comercial, informativo etc.; curta. (CURTA-METRAGEM, 2020).

⁴ Entidade vinculada ao movimento estudantil da União Nacional dos Estudantes – UNE.

⁵ Produção visual feita para o cinema, de ficção ou teor documental, com duração de aproximadamente 100 minutos, que constitui a peça principal de uma sessão cinematográfica; filme de longa-metragem. (LONGA-METRAGEM, 2019).

Os anos 1990 foi marcado pelo fim da dualidade entre o socialismo e capitalismo, afirma Rodrigues (2010). Com isso o documentário ganha mais espaço nos meios de veiculação, não só no cinema. “De fato é um fenômeno nunca antes visto no mercado do documentário, mais longe de tornar o gênero, assim como o cinema nacional em geral, uma indústria em potencial” (RODRIGUES. 2010, p. 70).

A Televisão brasileira tem um papel importantíssimo na divulgação e produção dos filmes documentários, onde é possível, de forma clara e rápida, levar até o telespectador histórias da realidade e até mesmo informar. “A TV Cultura de São Paulo é um exemplo de TV pública e aberta que investe periodicamente na produção de documentários” (ALFATINI, Thiago. 1999, p. 23)

Em 2003 foi lançado o programa de fomento à produção e teledifusão do documentário brasileiro, com o nome de DOCTV⁶.

Com o intuito de fomentar a regionalização da produção de documentários, incentivando a parceria da produção independente com as tvs públicas, o programa realizou concursos públicos em 20 estados da federação para selecionar os projetos, numa ação que organizou programas de formação, com oficinas de formatação de projetos e de introdução à história e estética do documentário, com orientação de grandes nomes ligados ao documentário no Brasil (GONÇALVES, 2006, p. 89).

Muitos cineastas creditam que o documentário tem o papel de “trazer discussões e repercussão na vida pública” (WAINER 2010, p. 37), outro ponto levantado pelos idealizadores é que o filme documentário deve se atentar a “necessidade de compreender e transmitir valores humanitários”. (WAINER 2010, p. 40)

De poucos anos pra cá que o filme documentário está mais liberto para se expressar, pois com o Golpe Militar⁷, muitos realizadores pararam suas produções devida a grande perseguição que a arte corria neste período (WAINER 2010, p. 44).

Mesmo no início da flexibilização do regime, em fins dos anos 1970, permaneceu essa orientação. “Orientação” parece de fato ser uma palavra adequada, uma vez que desobedecê-la colocaria o realizador sob o alvo da “patrulha ideológica”, intelectuais fiéis da tendência marxista leninista na cultura, como denunciou Cacá Diegues, realizador cinematográfico e um dos criadores do Cinema Novo.

⁶ Fundado pela Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, em convênio firmado com a TV Cultura de São Paulo e a Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (ABEPEC), com o apoio da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD) (GONÇALVES, 2006).

⁷ O golpe de 1964 foi resultado de uma articulação política golpista realizada por civis e militares na passagem de 1961 para 1962.

Considerado um dos maiores documentaristas brasileiros, Eduardo Coutinho atuou durante 45 anos no mercado. Para Wainer (2010, p. 46), Coutinho foi um ator que imprimiu sua marca em todos os seus filmes, superando obra após obra. Todos os filmes de Coutinho têm “uma forte dimensão sociológica (da qual ele se afastaria nos filmes seguintes, a partir de *Jogo de Cena*, 2007): recuperação da memória popular, favelados e sua religiosidade, classe média carioca, operários do ABC”.

Para Zandonade e Fagundes (2003), o documentário diante de toda sua história, fez e ainda faz parte da transformação social que ocorre no mundo e no Brasil. Sendo um dos importantes mecanismos de divulgação expando os ideais revolucionários, passando pela década de 1960 em plena ditadura, influenciando a sociedade. As mudanças no documentário acontecem de forma gradativa, mas sempre com o intuito de trazer informações relevantes para a comunidade.

O filme *Nós que aqui estamos por vós esperamos* (1999), de Marcelo Masagão teve uma ótima recepção de público e crítica. A narrativa fala sobre a banalização da morte no século XX. Apresentando a diversidade, intolerância e indiferença existente na sociedade, produto que ganhou o prêmio de melhor documentário internacional, sendo o primeiro documentário brasileiro a ganhar uma competição internacional, pontua Maia (2015).

Maia (2015), complementa que, o filme *O prisioneiro da grade de ferro* (2003), de Paulo Sacramento, foi escolhido como melhor documentário brasileiro no mesmo ano, por representar o cotidiano vivido no Complexo Prisional do Carandiru, em São Paulo. O filme intercalou imagens da equipe de Paulo com imagens feitas pelos próprios detentos, depois de passarem por uma oficina de vídeo, mostrando a realidade vivida de dentro do cárcere.

Documentário de cunho jornalístico, *Notícias de uma guerra particular* (1999), produzido por João Moreira Salles e Kátia Lund, retrata a convivência entre a polícia, o morador e o traficante de uma favela no Rio de Janeiro, o que é nomeado por um personagem do filme como uma ‘guerra civil’, frase que culminou no nome do documentário que já ganhou o prêmio do *Festival É Tudo Verdade*⁸, como melhor documentário brasileiro.

Trazendo uma crítica às políticas públicas voltadas para a população que vive em vulnerabilidade social, o documentário *Garapa* (2009), dirigido por José Padilha, mostra a realidade de famílias que sofrem com a fome no nordeste do Brasil. O filme foi produzido em preto e branco, para destacar a aridez da vida daquelas pessoas.

⁸ O Festival Internacional É Tudo Verdade é uma das iniciativas voltadas para o meio cinematográfico e que também serve a esse novo mercado cultural, uma vez que se encontra reconhecido pelo poder público e também se alia a empresas privadas para a efetivação dos eventos (MAIA, 2015).

Um filme de cinema (2015), de Walter Carvalho, tem como objetivo desvendar a construção cinematográfica e sua linguagem poética. Filme de não ficção apresenta depoimentos de vários cineastas, desvendando como pensam os grandes nomes por trás da produção de filmes de ficção e de documentários.

O documentário *Democracia em Vertigem* (2019) mostra a realidade política e social recente do Brasil. Produzido pela cineasta e antropóloga brasileira Petra Costa, o filme traz uma abordagem sobre temas íntimos e pessoais dos políticos, os bastidores das mudanças políticas.

O filme foi indicado ao Oscar⁹ na categoria de melhor documentário, mas não ganhou. Produto que enfatiza a liberdade de expressão presente no filme documentário, tratando de um tema delicado e de grande repercussão.

2. TV Regional e Local

A televisão aberta que em 18 de setembro de 2020 completou 70 anos, evoluiu com os avanços tecnológicos, procurando apresentar-se aos telespectadores com mais qualidade de som e imagem, sempre com a preocupação de falar a língua do espectador. Da Silva Batista e Carniello (2019), pontuam que desde 1990, inúmeros estudiosos sinalizavam que aconteceria uma regionalização da televisão.

A Televisão Regional¹⁰ tem como principal objetivo trabalhar a comunicação entre público e região onde está inserida. Para Bazi (2001, p. 15), existe diferença entre a televisão regional e televisão regionalizada:

[...] as tevês regionais por uma série de questões procuram dar cobertura maior para a cidade mais importante de sua região. Este fato tem gerado muitas críticas e discussões sobre o papel que as emissoras deveriam prestar para a região. As empresas se defendem afirmando que não possuem equipes suficientes para realizar uma cobertura cabal ou às vezes não se justifica enviar uma equipe para um município muito distante sem haver maior razão.

A questão econômica, que permeia os negócios de várias empresas, também influencia as televisões regionais. Os altos preços dos equipamentos responsáveis para o funcionamento de uma emissora de tevê fazem com que o interesse comercial aumente. Simões (2006, p. 28), chama a atenção para o uso de forma irregular da Televisão Regional, “tem sido mais adequado

⁹ Prêmio mais importante do cinema mundial, presenteando anualmente a indústria e profissionais cinematográficos desde 1927.

¹⁰ A TV Regional, criada por ato de lei pelo governo federal, tem como uma das suas funções básicas fortalecer e preservar a cultura regional. (*Constituição Federal de 1988, em seu Capítulo V artigo 221, II e III*)

imaginar uma TV regional como uma afiliada de uma grande rede de televisão, porém localizada em uma região distante e pouco habitada”.

São necessários alguns critérios para que um emissora de televisão seja considerada regional, pontua Simões (2006, p. 28):

(...) sua localização geográfica, ausência de participação em uma rede suprarregional, quantidade de comerciais ou quantidade de programas produzidos pelas afiliadas, quantidade de comerciais ou programas produzidos por cada afiliada (e qualidade e duração/tempo destes programas). Mais uma questão: haveria traços de regionalismo/regionalização na tipificação das emissoras pelo seu funcionamento (público, pela audiência ou publicidade comercial) ou pela sua propriedade (estatal, privada ou pública não estatal).

Alguns autores consideram que, às vezes, o telespectador de uma cidade no interior, não se vê representado pelo material produzido por uma geradora¹¹ de sinal, como pontua Silva (2006, p. 292).

[...] As tevês regionais, por uma série de questões, procuram dar cobertura maior para a cidade mais importante de sua região. Este fato tem gerado muitas críticas e discussões sobre o papel que as emissoras deveriam prestar para a região. As empresas se defendem afirmando que não possuem equipes suficientes para realizar uma cobertura cabal ou às vezes não se justifica enviar uma equipe para um município muito distante sem haver razão maior.

Desde sua implantação no Brasil¹², a televisão estava presente em quase todo território nacional. De acordo com Batista e Carniello (2019, p. 187)

As grandes redes nacionais Globo, SBT, Bandeirantes, Record, Rede TV e CNT, foram sendo implantadas com produções centralizadas principalmente no eixo Rio-São Paulo. Mas o Brasil de extensões territoriais imensas precisava ser mostrado por inteiro e, seguindo uma tendência mundial, as emissoras passaram a descentralizar as produções nos Estados.

Esse processo de regionalização, segundo Nogueira (2004), começou com a TV Globo¹³, seguida pela Bandeirantes e SBT, todos com o intuito de resgatar as identidades regionais. Fazendo com que o público se sinta mais representado naquela região, criando assim uma linguagem mais clara e objetiva, mais próxima da realidade vivida naquela região.

¹¹ É a emissora própria que gera conteúdo para todo o país, por meio de antenas UHF/VHF, por parabólicas e tv a cabo.

¹² Início da TV no Brasil ocorreu em 1970 (A televisão no Brasil tem início comercialmente em 18 de setembro de 1950, quando foi inaugurada a TV Tupi em São Paulo, com equipamentos trazidos por Assis Chateaubriand, fundando assim o primeiro canal de televisão no país).

¹³ Efetivamente a primeira emissora a se regionalizar, dentro do conceito atual, foi a TV Globo que iniciou suas atividades em Campinas, em 1979 (NOGUEIRA, 2004, p. 5).

[...] A regionalização da televisão já era prevista por muitos estudiosos da comunicação, como sendo um fenômeno da década de 90 no Brasil. Elas chegariam com as tevês a cabo e as comunitárias, tão comuns nos EUA. O público sente necessidade de obter notícias rápidas e precisas sobre sua região, não apenas através de jornais impressos locais (SILVA, 2006, p. 289).

O contexto econômico e político muitas das vezes estão entrelaçados com a implantação de tevês regionais, segundo os autores Fernandes e Oliveira (2006, p. 129) o interesse:

[...] se inicia com a verificação da viabilidade econômica da emissora por meio de projeções da captação de investimentos por parte dos agentes econômicos regionais, depois passa pela percepção da sua capacidade de inserir-se na comunidade regional como um intermediário entre a sociedade e as autoridades, e, ainda, depende das condições de transmissão de sinais e da velocidade com quem uma equipe de reportagem será capaz de deslocar-se por essa região.

Como todo e qualquer estabelecimento comercial, a emissora de televisão também gera fundos para se manter, permanecendo no caráter econômico, Fernandes e Oliveira pontuam que “os recursos advindos dos anúncios publicitários são a forma encontrada pelas emissoras de televisão para financiar seus investimentos e gerar o lucro” (2006, p. 131).

Por entrarem na programação de grandes emissoras nacionais, as televisões regionais tendem a beneficiar-se quando o assunto é audiência, garantindo a inserção de propagandas, angariando fundos para a emissora, “o que acaba lhes garantindo também qualidade, que retorna em audiência e retoma o ciclo que garante a sua manutenção” (NOGUEIRA, 2004, p. 6).

Portanto, a finalidade de trazer um sentido de pertencimento ao telespectador regional, segundo Nogueira (2004), começou a ficar mais escasso, devido as extensas regiões e mudanças culturais existentes, quando acaba tornando-se locais, contemplando a região circunstancialmente nos seus programas jornalísticos.

Sabendo que a televisão local tem mais possibilidade de contemplar a cultura do lugar, Nogueira (2004, p. 6) explica que a emissoras locais:

são iniciativas privadas de concessões outorgadas pelo Ministério das Comunicações, que lhes dá permissão dos serviços de radiodifusão, em convênio com as TVs Educativas, retransmitindo sua programação e se utilizando de 30% da sua programação para produção de conteúdos locais.

Para o autor é importante ressaltar que as televisões sejam locais ou regionais, “são formadas principalmente por profissionais oriundos das emissoras de rádio, ou jornalistas, o que lhes dá uma característica totalmente diferente da televisão nacional” (NOGUEIRA, 2004, p. 7).

A televisão local apresenta uma realidade bem diferente do que se vê em grandes centros. De acordo com o diretor de jornalismo do Grupo Mato-Grossense de Comunicação, Thiago Leite (2021)¹⁴, a emissora local “é um ambiente pequeno, bem restrito. Tudo o que fazemos é só para o município, não fazemos nada em âmbito nacional, estadual e muito menos regional. É só local”.

No sentido que Bakhtin (1993, p. 99) dá nas relações de alteridade, nas relações dialógicas, a TV local também desenvolve seu trabalho como “uma questão social, política, ética, uma concretização das diversas potencialidades das relações eu-outro” onde se vê a troca que existe entre telespectador e emissora. Fazendo com o que é chamado por Nogueira (2004, p. 8) de “construção permanente da identidade coletiva”, dando o principal foco à palavra sociedade.

O repórter e apresentador Sérgio Lopes (2021)¹⁵, pontua que as emissoras buscam trazer “matérias mais factuais, matérias quentes”. Com o objetivo de captar a atenção do telespectador. Para o professor Alexandre Anjos (2021)¹⁶ as informações passadas pela TV local o deixam “surpreendido, porque mesmo sendo uma cidade pequena, a pessoa não tem acesso a todas as informações com relação ao cotidiano da cidade”.

3. Retransmissoras de sinais de TV

Na legislação brasileira há duas formas de outorgas¹⁷ para a funcionabilidade de TV. A primeira são geradoras que acumulam um total de 538 emissoras que podem inserir programação própria localmente, registradas pela Anatel, a Agência Nacional de Telecomunicações, criada pela Lei 9.472, de 16 de julho de 1997. A segunda são as Retransmissoras de Televisão (RTVs), somando 11.493 emissoras, das quais 1.696 podem inserir programação local, sendo elas instaladas na Amazônia Legal, segundo Pieranti (2018).

O decreto nº 5.371, de 17 de fevereiro de 2005, aprovou o atual regulamento de serviço de Retransmissão de Televisão e do Serviço de Repetição de Televisão. Segundo Pieranti (2018, p. 7), este decreto determina que:

“as retransmissoras têm, como função precípua, a veiculação de programação idêntica à das geradoras, permitindo que seus sinais cheguem a municípios diretamente não

¹⁴ Transcrição de entrevista do filme *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida* (2021).

¹⁵ Transcrição de entrevista do filme *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida* (2021).

¹⁶ Transcrição de entrevista do filme *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida* (2021).

¹⁷ Receber permissão para: outorgar a licença para o negócio (OUTORGAS, 2021).

cobertos por elas. Assim, as atuais retransmissoras garantem, na prática, a formação das redes nacionais e regionais”.

No mesmo decreto, no art. 33, afirma que uma RTV pode veicular até 15% de programação local, o que equivale a 3h36m, em 24 horas. De acordo com o Ministério de Estado de Comunicações, essas RTVs podem funcionar em regiões de fronteira de desenvolvimento do país. De acordo com Pieranti (2018, p. 8), em 1989 o Ministério das Comunicações reconheceu que as “regiões de fronteiras de desenvolvimento são as integrantes da Amazônia Legal, definida pela Lei nº 5.173, de 27 de outubro de 1966. A elas viria a se somar o Arquipélago de Fernando de Noronha”.

A Amazônia Legal é composta por nove estados – Acre, Amazonas, Amapá, Rondônia, Roraima, Mato Grosso, Pará, Maranhão e Tocantins – pertencentes a bacia Amazônica.

Ao conjunto de medidas econômicas voltadas ao desenvolvimento da Amazônia Legal, o governo federal somou uma especificamente no âmbito das comunicações: a permissão para que as RTVs, nessa região, veiculem parte da programação produzida localmente. Essa permissão, em tese, gera efeitos para além do setor de radiodifusão, já que também pode estimular o estabelecimento de produtoras de conteúdo audiovisual, além de criar empregos para jornalistas, radialistas e profissionais atuantes no campo da comunicação (PIERANTI, 2018, p. 8).

Em cidades fora da Amazônia Legal, existem repetidoras de sinais, porém elas não são autorizadas a gerar programação local, como acontece dentro dos estados pertencentes a bacia Amazônica. Nos outros Estados, as repetidoras de sinal apenas reproduzem o que as geradoras propagam, conforme pontua o diretor geral do Grupo Mato-Grossense de Comunicação, José Benedito Leite (2021)¹⁸, “as repetidoras, tendo a anuência da geradora, podem colocar programação local. O que não acontece nos outros Estados que ficam fora da Amazônia Legal”.

Autorizadas à produzir conteúdo locais, as RTVs contribui para o desenvolvimento da economia nacional, como citado por Pieranti (2018), fazendo com que a inclusão de publicidade em sua grade gere renda e surta interesse em investir naquela região onde a televisão está instalada.

Lobato (2017) pesquisou entre os anos de 2015 e 2016 a situação de algumas emissoras da região amazônica. A expedição percorreu quatro estados: Maranhão; Mato Grosso; Tocantins e Pará. As retransmissoras de TV da Amazônia foram chamadas pela autora como “micro emissoras” e “mini emissoras”.

¹⁸ Transcrição de entrevista do filme *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida* (2021).

Lobato (2017) explica que fora da Amazônia Legal, as retransmissoras apenas propagam os sinais enviados pela geradora, retransmitindo à população local, sem poder interferir no conteúdo. Porém, na “Amazônia elas ganham vida. Têm logomarca, estúdio, apresentadores, repórteres e dinheiro entrando no caixa com a venda de anúncios” (p. 16).

O diferencial da Amazônia Legal com relação as demais emissoras do país é sua legislação, que permite a abertura de mini emissoras de TV aberta, segundo Lobato (2017, p. 18). “Nos estados mais povoados e com economia mais dinâmica – Pará, Maranhão, Rondônia e Mato Grosso –, cidades pequenas, com menos de 50 mil habitantes, têm duas ou mais emissoras de televisão com programação local”.

De acordo com a portaria nº 93, da lei nº 5.173, de 1966, as retransmissoras de TV devem noticiar fatos e informações de interesse comunitário e valorizar a cultura local e bem-estar coletivo. Porém de acordo com Lobato (2017), cada emissora interpreta a legislação como bem entender. Pois há uma falta de fiscalização neste aspecto.

Em 2012, o governo permitiu o funcionamento temporário de retransmissoras sem outorga.

A prática surgiu a partir de uma brecha criada em novembro de 2012, quando o então ministro da Comunicações, Paulo Bernardo, criou uma “política pública de garantia de acesso da população à programação aberta” e assinou um acordo de cooperação técnica com a Anatel, para adequar a fiscalização a essa política (LOBATO, 2017, p. 21).

Os municípios devem ter ao menos três canais de televisão licenciados. Se o município não atingir a quantidade estabelecida, os fiscais não podem lacrar¹⁹ canais sem outorga. Antes disso, as emissoras que não tinham outorga eram lacradas no ato da fiscalização. Com o prazo de quatro anos, estendendo-se até novembro de 2018 (LOBATO, 2017).

“Pelo menos quatrocentas retransmissoras de TV da Amazônia produzem algum conteúdo de programação, que só é exibido na própria comunidade. A grande maioria funciona como microempresa familiar, com estrutura precária e quase amadora. Como as equipes são reduzidas, não costuma haver noticiário local nos feriados e fins de semana. Os fatos ocorridos nesse período são exibidos com atraso” (LOBATO, 2017, p. 23).

Para que uma retransmissora de TV funcione é necessário que estejam ligadas a uma geradora em rede nacional, como: SBT, Bandeirantes, Record TV e RedeTV. Lobato (2017) reforça que a única exigência do governo é uma carta de garantia de liberação do sinal, assinada pela geradora. A Rede Globo é a única geradora nacional que não libera seu sinal para

¹⁹ Fechar completamente com lacre, com um tipo de cola usada para fechar cartas; selar: o carteiro lacrava as correspondências. (LACRAR, 2019).

retransmissoras independentes, fazendo com que sua audiência caia em cidades onde a Globo não gera programação local.

Em algumas emissoras, há o acúmulo de funções devido as atividades jornalísticas estarem hoje mais acessíveis. O repórter e apresentador Sérgio Lopes (2021)²⁰, pontua que em uma RTV “você joga nas onze posições, você é goleiro, você é atacante, você é zagueiro. Enfim, você tem que chutar, bater o escanteio e correr ‘pra’ cabecear”.

A maior parte da programação local das retransmissoras de TV da Amazônia Legal coincide com o horário do almoço, das 11h às 14h, e com o horário do jantar, das 18h às 20h. Um problema nas retransmissoras de TV são os repórteres sem formação universitária. Segundo Lobato (2017), os profissionais sem formação estão à mercê dos políticos e proprietários de TVs, onde muitos deles trabalham sem sequer ter carteira assinada, enfrentando rejeição por parte do sindicato dos jornalistas.

Após a suspensão da obrigatoriedade do diploma de jornalismo ocorrido em 2006 e mantida em 2009, sobre a constatação de que a obrigatoriedade do diploma seria um constrangimento à liberdade de expressão, prevista no artigo 220 do Constituição Federal, fez com que a discussão aumentar ainda mais. Para Lobato (2017, p. 58),

Essa posição foi revista em 2017. Em cumprimento de decisões judiciais, a Fenaj²¹ passou a emitir a carteira de identidade de jornalista para profissionais sem diplomas, desde que apresentem o registro profissional. “Para nós, se não tem registro não é jornalista”, disse-me a então presidente da Fenaj, Maria José Braga”.

Diante desta realidade na região, o documentário *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida*, apresenta o funcionamento de uma retransmissora de sinal de TV instalada na Amazônia Legal, no extremo sul de Mato Grosso, os profissionais que lá atuam e a relação com o público.

4. Grupo Mato-Grossense de Comunicação

O Grupo Mato-Grossense de Comunicação – GMTCOM, fundado por José Benedito Leite, é responsável por três retransmissoras de sinal de TV instaladas no extremo Sul de Mato Grosso. Jota Leite, como é chamado o proprietário do grupo, trabalha com comunicação há

²⁰ Transcrição de entrevista do filme *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida* (2021).

²¹ Federação Nacional dos Jornalistas.

mais de 50 anos. Jota Leite tem passagens por rádios e TVs em várias cidades do país, como a *TV Taborá*, afiliada da Rede Bandeirantes em Cascavel, no Paraná; *TV Timon*, hoje *TV Meio Norte*, afiliada ao SBT, no Maranhão; *TV Imagem*, hoje *RPC*, afiliada da Rede Globo, em Paranavaí, no Paraná, entre outros.

Em 2009, José Benedito Leite, juntamente com a esposa Neusa Terres de Lírio e seus dois filhos, Thiago José de Lírio Leite e Júlio Cesar Lírio Leite, vieram para o Mato Grosso investir em uma retransmissora de TV. Em novembro do mesmo ano, surge a TV Taquari canal 12 VHF, no município de Alto Taquari localizado a 482 KM de Cuiabá, capital do Estado.

Oito anos depois, em 2017, o grupo começou a se expandir no extremo sul do Estado, adquirindo a antiga TV Integração, hoje Record TV Alto Araguaia canal 11 VHF, no município de Alto Araguaia, localizado a 418 KM de Cuiabá. No ano seguinte, o grupo adquiriu mais uma emissora em Itiquira, município localizado a 359 KM de Cuiabá.

Atualmente, o GMTCOM produz conteúdo local para um público superior a 50 mil habitantes, com produção própria em cada cidade citada acima. A única diferença é em Alto Araguaia-MT, onde o público representa cerca de 50% do total. Por ser uma cidade localizada na divisa com o Estado de Goiás, a programação também chega ao município de Santa Rita do Araguaia, em Goiás.

Em dois municípios o Grupo Mato-Grossense de Comunicação, é afiliado de duas geradoras nacionais, operando assim em dois canais. Em Alto Araguaia, operando na Record TV no canal 11 VHF e SBT no canal 06 VHF. Em Itiquira, operando na Record TV no canal 07 VHF e SBT no canal 11 UHF. Alto Taquari é o único município que o grupo opera apenas na Record TV, utilizando o canal 33.1 *HDTV*.

Lobato (2017, p. 42), em sua pesquisa, constatou o acúmulo de outorgas em algumas emissoras. “Há empresas com retransmissoras em vários estados e com mais de uma outorga na mesma localidade, que arrendam os canais à políticos, igrejas ou a pequenos empreendedores locais que queiram tocar o negócio”.

Futuros investimentos já estão previstos no GMTCOM, com a instalação de duas emissoras: em Alto Garças-MT e em Sonora-MS. O Grupo Mato-Grossense de Comunicação é o único grupo presente no extremo sul de Mato Grosso.

Lobato (2017) constatou ainda o surgimento de “redes regionais”, com o intuito de aumentar o negócio. O Grupo Mato-Grossense de Comunicação, já estuda a possibilidade de se transformar em uma rede de transmissão de sinal de TV no extremo sul do Estado.

Sobre a programação, em Alto Taquari, Alto Araguaia e Itiquira, a Record TV exibe dois programas jornalísticos. O primeiro é o Balanço Geral, que vai ao ar de segunda a sábado por volta do meio-dia, horário de Brasília, tendo duração de uma hora e quinze minutos. O segundo é o Cidade Alerta, indo ao ar por volta das 18h45m, com duração de 50 minutos, de segunda a sexta-feira.

O programa Balanço Geral procura levar ao público as informações mais relevantes de cada município, dando destaque para as ações policiais e o factual do dia. O Cidade Alerta exibe as principais notícias do dia, apresentando ao telespectador o assunto de maior destaque no Balanço Geral, como uma reprise. No sábado é apresentado o Balanço Geral Especial, fazendo uma reprise das principais notícias da semana.

Em Alto Araguaia, além dos programas jornalísticos a Record TV exibe um programa de entretenimento semanal, o Arena, para o público do segmento country, aos sábados a partir das 11h, horário de Brasília. Apresenta atrações do rodeio, nacional, regional e local, sendo exibido antes do Balanço Geral Especial de sábado.

O carro-chefe de todas as emissoras é o programa *Balanço Geral*, com uma hora e quinze minutos de duração. Por se tratar de um único grupo de comunicação as emissoras compartilham entre si algumas reportagens, que segundo Lobato (2017, p. 174) “[...] elas atuam como se fossem uma cooperativa e trocam informações”.

5. Mapas das cidades



Alto Araguaia / Fonte: Portal Mato Grosso



Alto Taquari / Fonte: Portal Mato Grosso



Itiquira / Fonte: Portal Mato Grosso

CAPÍTULO II

MEMORIAL

Luiz Otávio Borges da Silva

A idealização deste produto que culminaria no encerramento de um ciclo, em meio a pandemia mundial da Covid-19, foi um trabalho árduo para mim. A escolha de um tema se concretizou após análise acadêmica de inexistência de dados relacionados as mini emissoras da Amazônia Legal, após assistir inúmeros documentários ao decorrer da minha formação e até mesmo antes, foi despertado o interesse em manusear um documentário para apresentar todo o conteúdo aprendido e minha forma de ver o produto apresentado.

Outro ponto que me levou a escolha do tema apresentado, foi minha ligação com a RTV. Desde muito cedo antes mesmo do meu ingresso na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, fiz parte da equipe de uma TV local em minha cidade natal, o que despertou ainda mais meu interesse pela profissão de jornalista. Abrindo portas para minha inserção no Grupo Mato-Grossense de Comunicação, onde realizei meu estágio.

A inexistência de dados acadêmicos que me referi no início, compete a não menção de existência das RTVs na Amazônia Legal. Porém, acredito que o material produzido por mim possa trazer ao ensino superior, especificamente para o curso de jornalismo, uma inserção deste assunto. Na produção deste produto, pude perceber o quão a RTV faz parte do processo de comunicação nacional.

Após as pesquisas, eu pude me aprofundar historicamente nas RTVs de todo o país, especificamente nas da Amazônia Legal. Desde os trâmites legais para a concessão de uma TV local até sua abertura nas respectivas cidades de interior. A busca por documentos e fontes, foi um trabalho árduo devida a inexistência de dados. Foi aí que as dificuldades começaram a surgir, as vezes me causando hesitação.

É impossível não mencionar o fatídico momento pandêmico que atravessamos, com a pandemia da Covid-19, que dificultou em alguns momentos o contato direto com a fonte, causando temor aos personagens, principalmente os mais idosos, e até mesmo em mim. Este momento de incerteza, causou bloqueios criativos e crise de ansiedade, limitando-me de muitas atividades que poderia ter se desenvolvido.

A despeito de todos os obstáculos, foi possível expor minhas ideias de execução do produto, no momento que me permiti serenidade. Na primeira visita marcada para a realização de acompanhamento e entrevista para o documentário, foi trabalhoso conciliar um horário devido a correria diária das fontes, porém foi realizada com sucesso. Logo após, na semana seguinte, a segunda visita foi realizada em outra emissora, para a realização de acompanhamento e captura de entrevistas.

A visita na sede de todas as emissoras foi a última a ser feita, devida a agenda do diretor geral ser corrida. Após a coleta de todas as entrevistas, comecei o processo de decupagem do produto, o que tomou um tempo mais que o esperado. Devido ter conhecimento em edição, o filme foi montado por mim, que também fiz as gravações e sabia quais imagens e entrevistas tinha em arquivo, o que facilitou o trabalho.

O processo de construção do meu filme, não foi simples, nem ao menos fácil. Porém, me proporcionou inúmeros conhecimentos. Mesmo conhecendo quase todas as fontes, algumas delas expandiram o meu olhar com seus relatos, me apresentando o caminho a ser seguido para que este material possa contribuir com a formação de outros profissionais, partindo do pressuposto que a temática não tem visibilidade merecida, aqui em Goiás e na esfera nacional.

Por fim, saio satisfeito por ter realizado um trabalho como esse. Ficarei mais honrado ainda, se com ele, outras pessoas possam despertar o interesse pelas repetidoras de sinais de televisão, passando a conhecer o que é e como funcionam. Assim como a contribuição para um jornalismo cada vez mais presente na comunidade, conhecendo, assim, a realidade do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito da visibilização do objeto retratado, o filme documentário permite a expansão da temática apresentada por seu autor. A abordagem fílmica fornece a comunidade um reflexo da realidade, entregando ao espectador o conhecimento que o gênero documentário preconiza.

Tendo este potencial, a documentação sobre as repetidoras de sinal de televisão pode trazer à comunidade, ainda que por parte, a realidade existente. Devido a escassez de pesquisas e informações sobre estas emissoras, até mesmo por profissionais renomados na área, o documentário *TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida* poderá fomentar a discussão em torno do trabalho realizado por estas emissoras no país.

REFERÊNCIAS

- ALTAFINI, Thiago. **Cinema documentário brasileiro**: evolução histórica da linguagem. Revista de Recensões de Comunicação e Cultura. Ano, 1999.
- AMARAL, Márcia Franz. **Imprensa popular**: sinônimo de jornalismo popular. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília: UNB, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo, Editora UNESP, 1993.
- BATISTA, Rosimara de Cássia da Silva; CARNIELLO, Monica Franci. **TV regional e desenvolvimento**: a estruturação das emissoras de tv aberta na região metropolitana do vale do paraíba e litoral norte e sua relação com a cobertura local. Latin American Journal of Business Management, v. 10, n. 2, 2019.
- BAZI, Rogério. **TV Regional**: trajetória e perspectivas. Campinas: Alínea, 2001.
- BERNARD, Sheila Curran. **Documentário**: técnicas para uma produção de alto impacto. Elsevier Brasil, 2007.
- CURTA-METRAGEM. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/curta-metragem/>. Acesso em: 29 mar. 2021.
- DA-RIN, Silvio. **Espelho partido**: tradição e transformação do documentário. Azougue, 2004.
- FERNANDES, Francisco Assis; OLIVEIRA, Marcelo Pires. O telejornalismo como agente legitimador da TV Regional. In: SOUSA, Cidoval Morais (org.) **Televisão Regional, globalização e cidadania**. Rio de Janeiro: Sotese, 2006.
- GONÇALVES, Gustavo Soranz. Panorama do documentário no Brasil. **DOC On-line**: Revista Digital de Cinema Documentário, n. 1, p. 79-91, 2006.
- LACRAR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/lacrar/>. Acesso em: 30 mar, 2021.
- LOBATO, Elvira. **Antenas da Floresta**: a saga das TVs da Amazônia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.
- LONGA-METRAGEM. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/longa-metragem/>. Acesso em: 29 mar. 2021.
- LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários**: conceito, linguagem e prática de produção. Summus Editorial, 2012.
- MAIA, Kamyly Faria et al. **Festival enquanto festa e dispositivo nos processos de visibilidade do cinema documentário brasileiro pós-retomada**: o estudo do caso “É Tudo Verdade”(Brasil, 1996-2010). 2015.

- MELO, Cristina Teixeira Vieira de. **O documentário como gênero audiovisual**. Comunicação & Informação, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 13 maio 2013.
- MOURA, Roberto. A Bela Época. In: RAMOS, Fernão. In: **História do Cinema Brasileiro**. 2a ed., São Paulo: Arte, 1990. p. 18.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Papirus Editora, 2005.
- NOGUEIRA, Vera M. **Televisão regional & televisão local**. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, para o Núcleo nº 12- Comunicação para a Cidadania, 2004.
- OUTORGAS. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/outorgas/>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- PIERANTI, Octavio Penna. **A distribuição geográfica das estações locais de TV no Brasil**. Revista Famecos, v. 25, n. 3, p. ID30181-ID30181, 2018.
- PUCCINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de documentário. **Doc On-line: Revista Digital de Cinema Documentário**, n. 6, p. 173-190, 2009.
- RAMOS, Fernão. **Mas afinal, o que é mesmo documentário?** São Paulo: Senac, 2008.
- RODRIGUES, Flávia Lima. **Uma breve história sobre o cinema documentário brasileiro**. CES Revista, v. 24, n. 1, p. 61-73, 2010.
- SILVA, Robson Bastos da. Limites e possibilidades da TV regional. In: MARQUES DE MELO, José; SOUSA, Cidoval Morais de; GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). **Regionalização midiática: estudos sobre comunicação e desenvolvimento regional**. Rio de Janeiro: Sotese, 2006. p. 289-295.
- SIMÕES, Cassiano Ferreira. Televisão Regional e Globalização. In: SOUSA, Cidoval Morais (org.) **Televisão Regional, globalização e cidadania**. Rio de Janeiro: Sotese, 2006.
- VOLPATO, Marcelo de O.; OLIVEIRA, Roberto Reis. **TV Regional e Identificação com os públicos: o caso Tem Notícias–Primeira Edição**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2007.
- WAINER, Júlio. **Idéia, imagens e sons: caminhos para a estruturação de um documentário**. 2010. 122f. 2010. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Comunicação. Curso de Pós Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. 11.2. Ficha de Categorização para a Análise de EPISÓDIO.
- ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. O vídeo documentário como instrumento de mobilização social. Assis–São Paulo. Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis/Fundação Educacional do Município de Assis–Monografia do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, 2003. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.html>. Acesso em: 05 mar. 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE I – ROTEIRO

Cena 1 – Nome do filme 00'00" a 00'05"	TVs da Amazônia Legal: uma realidade desconhecida
Cena 2 – Thiago Leite Fala 01 00'05" a 00'14"	Aqui, nós costumamos dizer assim num linguajar bem popular, né. Que você tem que ir lá e pegar no chifre do boi lá, pegar as rédeas e tocar o barco.
Cena 3 – José Benedito Leite Fala 01 00'14" a 00'24"	Nós tivemos aqui pessoas que já foram pro SBT, já foram pra Globo e hoje são repórteres nacionais. A RTV é uma escola também. Escola prática para o formando.
Cena 4 – Dheison Parreira Fala 01 00'24" a 00'30"	Está sempre mudando e inovando o jeito de fazer televisão e a gente tem que sempre 'tá' se adaptando.
Cena 5 – Imagens de Cobertura 00'30" a 00'46"	Imagens das emissoras com trilha sonora
Cena 6 – Thiago Leite Fala 02 00'46" a 01'02"	As pessoas nem sabem que existe RTV. Todo mundo pensa que na Amazônia Legal só existe geradora, igual no resto do país. Mas na verdade não é. Existem RTVs em cidadezinhas pequenas que atende muito bem a comunidade e conseqüentemente você consegue fazer um trabalho muito bem feito.
Cena 7 – José Benedito Leite Fala 02 01'02" a 01'37"	Uma RTV, ela... já diz o nome, é uma repetidora de geradora de televisão. Aqui no Mato Grosso, nós estamos aqui dentro... inclusive Alto Taquari foi a cidade que ficou na divisa, bem encostado a este limite da Amazônia Legal. E dentro deste limite da Amazônia Legal, as RTVs, as repetidoras tendo a anuência da geradora... pode colocar programação local. Coisa que não acontece nos outros Estados que ficam fora da Amazônia Legal.

<p>Cena 8 – Thiago Leite Fala 03 01’37” a 02’00”</p>	<p>É um ambiente pequeno, bem restrito. A abrangência do sinal também ela é restrita, nós não estamos no satélite, até porque quem sobe pro satélite é geradora. Tudo o que fazemos é só para o município, não fazemos nada em âmbito nacional, estadual e muito menos regional. É só local, cada RTV tem sua cidade, que é a função da RTV, levar informação ‘praquela’ comunidade daquela cidade.</p>
<p>Cena 9 – Imagens de Cobertura 02’00” a 02’13”</p>	<p>Imagens com trilha sonora</p>
<p>Cena 10 – Sérgio Lopes Fala 01 02’13 a 02’27”</p>	<p>Por exemplo, Alto Araguaia conta hoje com telejornal de uma hora e dez minutos, por causa da grade da Record. E você sabe que você tem que preencher o jornal de uma hora e dez minutos de forma local para que o telespectador possa acompanhar.</p>
<p>Cena 11 – Josemar Rodrigues Fala 01 02’27” a 02’39”</p>	<p>Às vezes, você tem que fantasiar, imaginar e ir atrás de uma matéria. Fabricar uma matéria do zero, procurar e produzir ela, fazer ela surgir para você ter uma matéria local.</p>
<p>Cena 12 – Claudécir Vieira Fala 01 02’39” a 02’59”</p>	<p>Hoje tudo vira notícia. Se você achar uma garrafa quebrada em um canteiro, já é uma reportagem, já vira notícia. ‘Cê’ sabe que cidade pequena é dificuldade muito grande em fazer notícia né. Ou mesmo você vai em uma delegacia, chega lá e não tem nenhuma ocorrência registrada, já vira notícia também.</p>
<p>Cena 13 – Thiago Leite Fala 04 02’59” a 03’19”</p>	<p>Não é porque é uma cidade pequena, que às vezes todo mundo sabe quando que é o aniversário da cidade, ainda mais em época de pandemia que não se faz nenhuma manifestação, ou qualquer outra coisa deste tipo, que seja realmente de interesse da comunidade e traga informação ‘praquelas’ pessoas, que já estão no município ou que estão chegando recentemente nessa localidade.</p>

<p>Cena 14 – Alessandre Anjos (Professor) Fala 01 03'19" a 04'02"</p>	<p>Às vezes você é até surpreendido, porque mesmo sendo uma cidade pequena, você não detêm todas as informações com relação ao cotidiano da cidade. No meu caso, eu moro um pouco em Alto Garças, um pouco em Alto Araguaia. Então, as vezes esse recurso televisivo ele acaba facilitando esse acesso à informação. Não só na questão de escola, talvez no meu trabalho, mas em várias outras esferas. Às vezes você fica sabendo de determinados eventos, atividades que o município tem realizado até mesmo algumas promoções e você acaba tendo essa facilidade através do meio de comunicação, principalmente da tevê.</p>
<p>Cena 15 – José Benedito Leite Fala 03 04'02" a 04'17"</p>	<p>Você pegar no pulso da população, medir e sentir o que a população gosta. Por isso que você tem que fazer dentro de um jornal, esporte, tem que fazer variedade, tem que fazer entretenimento, você tem que fazer notícia.</p>
<p>Cena 16 – Josemar Rodrigues Fala 02 04'17" a 04'38"</p>	<p>Em cidade pequena praticamente não acontece nada, é muito difícil acontecer alguma coisa. Então, é uma dificuldade muito grande, mas é claro a gente aceita o desafio, e raramente aqui 'pra' Itiquira principalmente é raro o dia que nós não temos uma matéria local. Já que o foco da TV local é mostrar Itiquira 'pra' Itiquira, então, sempre todos os dias nós temos uma matéria local aqui.</p>
<p>Cena 17 – Sérgio Lopes Fala 02 04'38" a 04'54"</p>	<p>A gente trabalha muito nessa questão de prefeituras, matérias oficiais, mas o que a gente busca mesmo é trazer matérias mais factuais, mais matérias quentes. Até 'pra' entreter um pouco mais e trazer um pouco mais o telespectador até a gente.</p>
<p>Cena 18 – Thiago Leite Fala 04 04'54" a 05'00"</p>	<p>Nós procuramos trazer conhecimento. As emissoras, as RTVs elas procuram levar conhecimento 'pra' população.</p>
<p>Cena 19 – Sérgio Lopes Fala 03 05'00" a 05'10"</p>	<p>Reuniões de pauta em uma TV estilo a nossa aqui, dificilmente acontece. Normalmente quando a gente coloca a</p>

	cabeça no travesseiro a noite, já vai pensar o que você vai fazer no outro dia.
Cena 20 – Thiago Leite Fala 05 05'10" a 05'37"	O nosso conteúdo jornalístico, não foge muito da realidade das grandes emissoras de grandes centros. Nós temos que fazer televisão para o que as pessoas querem ver. As pessoas querem ver o que está acontecendo, fora do cotidiano, fora economia, política, informação. Eles querem principalmente ver as questões de ocorrências policiais, acidente de trânsito, que é aquela coisa impactante que causa o despertar da pessoa.
Cena 21 – Imagens de cobertura 05'37" a 05'54"	Imagens com trilha sonora
Cena 22 – José Benedito Leite Fala 04 05'54" a 06'40"	Em uma grande emissora você faz só uma coisa. Eu sou apresentador, eu venho aqui e o jornal, a pauta chega 'pra' mim tudo feitinha, as notícias editadas e tal direitinho, só 'pra' mim ler. Já nas emissoras pequenas você tem que tocar todos os instrumentos, 'tá' entendendo, emissoras do interior. Então você tem que, por exemplo, faltou um pra fazer reportagem, você vai fazer reportagem, vai apresentar. O cinegrafista, é cinegrafista, é editor, iluminador é aquele que você liga a iluminação e tal. Tudo, não é improvisado, mas tudo certinho seguindo os mesmos que ditamos em uma grande emissora, iluminação, áudio, vídeo segue também, só que com uma certa diferença.
Cena 23 – Sérgio Lopes Fala 04 06'40" a 06'50"	Aqui você joga nas onze posições, você é goleiro, você é atacante, você é zagueiro. Enfim, você tem que chutar, bater o escanteio e correr 'pra' cabecear.
Cena 24 – Início do Balanço Geral Itiquira (Josemar Rodrigues) 06'50" a 06'59"	Eu 'tô' que 'tô', eu 'tô' legal. 'Tô' no Balanço Geral. Eu 'tô' no Balanço Geral 'pra' você, muito bom dia. Estamos chegando aqui no nosso Balanço Geral Record TV canal sete.

<p>Cena 25 – Dheison Parreira Fala 02 06’59” a 07’21”</p>	<p>Eu entrei no Grupo Mato-Grossense de Comunicação no final de 2018, em dezembro. O cinegrafista da época, ele não podia ficar aqui, ele ia ‘pra’ outra televisão. Não sabia nada da profissão. Eu tive um treinamento, veio o Thiago, veio o pessoal, que é o pessoal da técnica me ensinou a mexer com a câmera do zero eu não sabia nada.</p>
<p>Cena 26 – Josemar Rodrigues Fala 03 07’21” a 07’59”</p>	<p>Eu comecei no rádio com 16 anos de idade. Na maioria das vezes como todos do interior, a gente vai ‘pro’ rádio muito jovem, muito novo ainda, ‘cru’ de tudo, praticamente aprendi na prática. A televisão já é totalmente diferente, você trabalha com a imagem direta, você é o produtor da imagem, você é a imagem, você é o gerador da imagem. Então, é um outro veículo de comunicação totalmente diferente, ‘tô’ me adaptando ainda, ‘tô’ no processo de transição ainda do rádio ‘pra’ televisão. Então, nós entramos nessa daí é claro, desbravando ainda, mas gostando muito.</p>
<p>Cena 27 – Claudécir Vieira Fala 02 07’59” a 08’44”</p>	<p>Foi em 2015, mais ou menos, que eu comecei a trabalhar na TV né. Portanto, eu trabalhava numa rádio local aqui, e mexia mais com esporte, na parte de esporte na rádio e também levando as notícias. Ai a TV Taquari foi fazer a transmissão de um jogo, e eu fui ser comentarista. Foi quando eu comecei, e de lá pra cá no mesmo ano, até hoje eu ‘tô’ fazendo o Cidade Alerta e também algumas oportunidades quando falta alguém eu faço o Balanço Geral e também algumas reportagens de rua.</p>
<p>Cena 28 – Thiago Leite Fala 06 08’44” a 08’58”</p>	<p>Além de ser um número bem reduzido de colaboradores, também existem situações que às vezes o cinegrafista novo que entrou na equipe, ele não tem aquele conhecimento técnico, nem um editor novo ou às vezes até um jornalista novo.</p>
<p>Cena 29 – Dheison Parreira Fala 03</p>	<p>É uma profissão assim, que no começo assusta. Os primeiros três meses foi o</p>

08'58" a 09'15"	mais complicado assim, porque você não está acostumado com isso, entendeu? Você apanha um pouco no início, no enquadramento, na iluminação. Quando você vai pegando jeito, você pega gosto pela profissão.
Cena 30 – Thiago Leite Fala 07 09'15" a 09'25"	Nós somos instruídos não para trabalhar desta forma aqui, essa forma aqui eu costumo até dizer particularmente que a gente chama de o padrão mato-grossense de TV.
Cena 31 – Josemar Rodrigues Fala 04 09'25" a 09'44"	O rádio tem muito improviso, né. O rádio basicamente é improviso o tempo inteiro. Os grandes comunicadores da televisão a maioria deles, ou grande parte deles passaram pelo rádio ou são crias do rádio. Então, o rádio é uma escola excepcional. O improviso que você tem no rádio se você conseguir trazer ele 'pra' dentro da televisão ele vai te ajudar muito com certeza.
Cena 32 – Thiago Leite Fala 08 09'44" a 09'56"	Aqui a gente mata um leão por dia, porque senão não tem TV. Se a gente depender de várias pessoas, se cada um fizer só a sua parte se restringir e ficar restrito aquilo, não tem jornal.
Cena 33 – Dheison Parreira Fala 04 09'56" a 10'03"	A gente tem que sempre estar estudando, assistir muita televisão, 'pra' você ter ideias de imagens tipo o ângulo.
Cena 34 – José Benedito Leite Fala 05 10'03" a 10'41"	Eu acho que essa contratação, por exemplo, de pessoas não profissionais é uma chance que as pequenas emissoras dão 'pra' pessoa aprender. Cinegrafista por exemplo, tem que ser registrado no sindicato dos fotógrafos, o editor também tem a sua classe, como tem também o radialista e tal. Mas o formado, eu acho que ele tem que ter o seu espaço garantido porque ele é responsável por um editorial da emissora, certo? Ele é lógico, gastou seu tempo. Custou tempo, dinheiro e tudo mais 'pra' se formar. Então ele tem que ser respeitado.

<p>Cena 35 – Thiago Leite Fala 09 10'41" a 11'15"</p>	<p>O faturamento da RTV não permite essa grandiosidade de produção. Então é uma coisa mais resumida, mais enxuta. Mas é feito com muita seriedade, muita atenção e muito profissionalismo. Todos nós que estamos aqui somos profissionais. O carro-chefe é o jornalismo, não chega ser um jornal, é um programa. Muitas pessoas falam o telejornal, ele é um telejornal a título de conhecimento, mas na verdade é um programa que tem uma variedade, uma gama muito grande de assuntos e também uma forma de como eles são levados ao telespectador.</p>
<p>Cena 36 – Abertura do Balanço Geral Alto Taquari (José Benedito Leite – Jota Leite) 11'15" a 11'24"</p>	<p>Olá gente, estamos aqui então. Nosso boa tarde à todos, por que vai começar o nosso Balanço Geral desta terça-feira.</p>
<p>Cena 37 – Imagens de cobertura 11'24" a 11'38"</p>	<p>Imagens com trilha sonora</p>
<p>Cena 38 – Ewander Vasconcelos (Humorista) Fala 01 11'38" a 11'47"</p>	<p>Quando tem uma coisa local, que as coisas são mais voltadas. As pessoas acabam sendo mais informadas, e uma televisão local é uma coisa ideal 'pra' todas as cidades.</p>
<p>Cena 39 – Yussan Zanoni (Empresário) Fala 01 11'47" a 12'14"</p>	<p>Durante a pandemia, a gente viu o quanto a TV se comportou super boa. Ela falava de qual os casos, ela falava das pessoas que não estavam cumprindo a quarentena, ela mostrava o por que os casos estavam aumentando, ela ficou do lado dos comerciantes. Eu vi que a TV foi muito... demonstrou lado, falou assim: "não, adianta só fechar os comerciantes tem que conscientizar a população.</p>
<p>Cena 40 – Alexandre Anjos (Professor) Fala 02 12'14" a 12'50"</p>	<p>A gente tem uma ferramenta a mais de divulgação, principalmente relativizando em situação de escola, a gente precisa sempre estar divulgando nossas ações no dia a dia, inclusive editais, trabalhos realizados pela escola. E quando você tem uma ferramenta como uma emissora de TV mesmo que pequena a gente sabe que na cidade ela abrange praticamente todo mundo, as vezes atinge os meios</p>

	<p>rurais. Coisa que talvez se a gente fosse fazer de forma individualizada, aluno por aluno, pais por pais seria um pouco mais complexo, seria mais demorado.</p>
<p>Cena 41 – Thiago Leite Fala 10 12’50” a 13’33”</p>	<p>Todo o dia nós temos uma solicitação diferente, e nós temos uma demanda diferente. Então, todo dia são pessoas solicitando matérias, reportagens, conteúdos diferenciados. Às vezes, por exemplo, como sempre acontece e é geral, prestação de serviço. Quando as pessoas precisam de alguma coisa, recorrem à televisão, a televisão faz a divulgação daquela pessoa, daquela família que precisa de determinada situação e ela é atendida. Então, com isso nós já temos a audiência daquela pessoa, daquela família e de toda uma sociedade que está em volta daquela situação.</p>
<p>Cena 42 – Ewander Vasconcelos (<i>Telespectador</i>) Fala 02 13’33” a 13’44”</p>	<p>As notícias, assim... batem na porta e a gente nem está percebendo o que está acontecendo na nossa volta. Assassinatos, queimadas... e a gente fica assim... ‘Tá’ acontecendo aqui, na minha cidade.</p>
<p>Cena 43 – Sérgio Lopes Fala 05 13’44” a 14’11”</p>	<p>Pelo fato da gente já ser conhecido na cidade pequena, normalmente todo telespectador se torna uma fonte, todo telespectador tem um celular e normalmente eles sabem o nosso contato. Aconteceu algo ali, próximo dele, próximo do bairro dele, já pega o celular, já manda mensagem, já informa a gente. Da mesma forma que a polícia, o corpo de bombeiros faz este trabalho, e também a própria funerária quando é um caso mais extremo.</p>
<p>Cena 44 – Yussan Zanoni (<i>Empresário</i>) Fala 02 14’11” a 14’36”</p>	<p>A TV mostra muito a nossa realidade, ela leva a informação, ela debate com o prefeito, ela debate com vereador. ‘Tá’ fazendo coisa errada ela demonstra, ‘tá’ fazendo coisa certa ela mostra. Ela não tem o negócio de só mostrar o que convém à ela, ela mostra o que a população precisa ver. E é isso que eu acho que a televisão tem o papel de mostrar a notícia, a informação. Ela ‘tá’</p>

	em primeira mão, você saber o que está acontecendo.
Cena 45 – Josemar Rodrigues Fala 05 14'36" a 14'48"	Todas as matérias que a gente passa aqui o pessoal sempre comenta, param na rua, pelo fato de conhecer mais a gente, ter o contato, porque nós somos daqui. Então, as pessoas sempre comentam mais, “olha, estou assistindo, estou vendo, está bom, ‘tá’ ótimo desta forma, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo”.
Cena 46 – Sérgio Lopes Fala 06 14'48" a 15'24"	Onde você vai o telespectador te conhece, ‘cê’ anda na rua, todo mundo sabe que é você ‘tá’ ali na TV, às vezes você não conhece o telespectador. Às vezes ele chama você pelo nome, você não sabe. Até as pessoas perguntam, como você mede a sua audiência na sua emissora? Nós não temos um medidor, só nos grandes centros: São Paulo, Rio de Janeiro, neste eixo. Aqui, a gente mede pela participação via telefone do nosso telespectador, por esse contato nas ruas e também através do facebook, mensagens são enviadas ‘pra’ nós diariamente a gente mede aí a nossa audiência, e esse é o contato mais forte do nosso telespectador.
Cena 47 – Imagens de cobertura 15'24" a 15'37"	Imagens com trilha sonora
Cena 48 – Alexandre Anjos (Professor) Fala 03 15'37" a 16'02"	A questão de notícia é uma coisa mais complexa pelo município ser pequeno, então às vezes, não tem tanto aquele fluxo de manchete e notícias. Mas se a televisão rebuscar as atividades escolares, talvez da prefeitura, ou coisas desta natureza, do cotidiano da cidade, eu tenho certeza que seria bem atendido, bem representado.
Cena 49 – Yussan Zanoni (Empresário) Fala 03 16'02" a 16'27"	Eu acho que às vezes, eles têm um pouco de... não é medo, eles têm um pouco de cautela de falar sobre a questão dos políticos. Seria muito bom ter um pouco mais... de menos de censura. A gente fala que não existe censura, mas existe

	censura! A censura está aí e de alguma maneira você é censurado.
Cena 50 – Ewander Vasconcelos (<i>Telespectador</i>) Fala 03 16'27" a 16'58"	Eu queria ver mais a parte do entretenimento. Mais a parte cultural, na verdade. Por que ultimamente o que a gente vê na TV é mais notícia, pancada. E às vezes você está num dia difícil já, aí 'cê' aquelas 'pancadas' já te deixa um pouco abalado. Claro que tem na TV, mas não tem muito. Eu queria que tivesse mais parte da cultura da própria cidade até 'pras' pessoas de fora conhecer mais a cidade.
Cena 51 – José Benedito Leite Fala 06 16'58" a 17'24"	Eu com toda sinceridade. Eu queria que todo o Brasil desse essa chance para que as RTVs também fizesse programação local. Pode ser uma cidade grande, não tem um geradora, não tem uma repetidora e as notícias locais da região? Não sabem, ou não acompanham porque não têm, não pode. Com uma legislação bem feita, poderia ser um pouco mais... flexibilizar, as RTVs em todo o Brasil.
Cena 52 – Créditos Finais 17'24" a	

APÊNDICE II
AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (*vídeos* e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 14 de julho de 2021.



Assinatura

Nome:	SERGIO LOPES DE REZENDE
Endereço:	RUA 29, Nº 26
Cidade:	ALTO ARAGUAINA - MT
RG Nº:	984 377
CPF Nº:	592.689.991-53
Telefone para contato:	(64) 99916-2116
Nome do Representante Legal (se menor):	

Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (vídeos e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 14 de julho de 2021.


Assinatura

Nome:	THIAGO JOSÉ DE LÍCIO LEITE
Endereço:	R. SIZ VIO JOSÉ DE CASTRO MAIA 225 CENTRO
Cidade:	ALTO APAGUÁIA - MT
RG Nº:	001.252.17 SO JUSP MS
CPF Nº:	054.706.789-54
Telefone para contato:	(66) 9.9918-0223
Nome do Representante Legal (se menor):	

Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (*vídeos* e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 14 de julho de 2021.

Ewánder Vasconcelos Rezende
Assinatura

Nome:	Ewánder Vasconcelos Rezende
Endereço:	Rua Realino Basso Alencar nº55
Cidade:	Alto Paraíso
RG Nº:	22064222
CPF Nº:	062.664.271-09
Telefone para contato:	(66) 9.9673-4572
Nome do Representante Legal (se menor):	

Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (*vídeos* e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 14 de julho de 2021.

Gilbert Martin Pinheiro
Assinatura

Nome:	Gilbert Martin Pinheiro
Endereço:	Rua Guilherme Gonçalves Bezerra
Cidade:	Alto Araguaia - MT
RG Nº:	18 43 55 30
CPF Nº:	045 676 831-79
Telefone para contato:	(66) 996 8155 43
Nome do Representante Legal (se menor):	

Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (*vídeos* e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 20 de Julho de 2021.


Assinatura

Nome:	Wilson P. S. Pereira
Endereço:	Rua Monteiro Lobato, Jardim Coca Lás 2
Cidade:	Itaquira, MT
RG Nº:	25420674
CPF Nº:	051.125.371-08
Telefone para contato:	(65) 99234-2404
Nome do Representante Legal (se menor):	

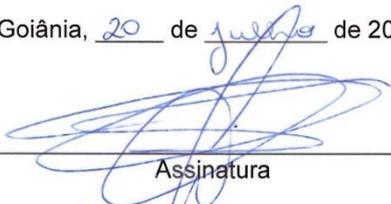
Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (vídeos e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 20 de julho de 2021.



 Assinatura

Nome:	Josemar Rodrigues Mendes
Endereço:	Rua José Fogaça de Carvalho 225
Cidade:	Itiquira MT
RG Nº:	12175501 SSP/MT.
CPF Nº:	893 109 181-87
Telefone para contato:	(65) 99621-1363
Nome do Representante Legal (se menor):	

Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (vídeos e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 20 de julho de 2021.

Juliano Roberto de Souza Cruz
Assinatura

Nome:	Juliano Roberto de Souza Cruz
Endereço:	UNG III casa 22 Jardim Planalto
Cidade:	Stiquio
RG N°:	2343706-5
CPF N°:	043649181-80
Telefone para contato:	65 999393934
Nome do Representante Legal (se menor):	Aparecida S. de Santos

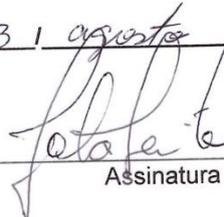
Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (vídeos e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 03 de agosto de 2021.


Assinatura

Nome:	José Benedito Leite
Endereço:	Rua Altino Pereira de Souza 880 - Centro
Cidade:	Alto Itaquari - mt -
RG Nº:	931648-55 P.P.I
CPF Nº:	219.765.629-53
Telefone para contato:	661 34961805
Nome do Representante Legal (se menor):	

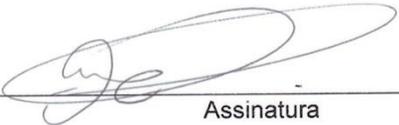
Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (vídeos e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 03 / agosto / 2021 -.


Assinatura

Nome:	<u>Cláudia Lima</u>
Endereço:	<u>RUA DELFINO BATISTA N.º 312 CENTRO</u>
Cidade:	<u>ALTO TAQUARI</u>
RG Nº:	<u>10 724386 SSP - MT</u>
CPF Nº:	<u>798.936.511-15</u>
Telefone para contato:	<u>66.9.9975-7422</u>
Nome do Representante Legal (se menor):	

Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (*vídeos* e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 02 / AGOSTO / 2007 -.

DIEGO MARINHO DE SILVA

Assinatura

Nome:	Diego Marinho de Silva
Endereço:	Rua José Rodrigues de Lima 269
Cidade:	ALTO TAQVARI
RG Nº:	10376763
CPF Nº:	176.696.899.05
Telefone para contato:	66 99940-0079
Nome do Representante Legal (se menor):	Cristina Maria de Silva

Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (vídeos e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 03/ Agosto / 2022 -

Diogo marinho da silva
Assinatura

Nome:	Diogo marinho da silva
Endereço:	Rua José Rodrigues N° 269
Cidade:	Alto Taquari - MT
RG N°:	10.316.159
CPF N°:	136.616.094.08
Telefone para contato:	(66) 9 9663-4760
Nome do Representante Legal (se menor):	creta maria da silva

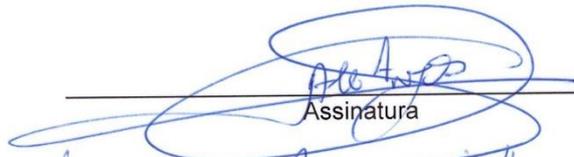
Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (*videos* e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 27 de setembro de 2021.


Assinatura

Nome:	ALESSANDRE ANTÃO DA SILVA
Endereço:	RUA ANTONIO DA SILVA, 036.
Cidade:	ATO SARGAS-MT.
RG Nº:	1055424-6 SSP/MT
CPF Nº:	844 079 801-06
Telefone para contato:	66 999038472
Nome do Representante Legal (se menor):	

Termo de autorização de Uso de Imagem

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor **filme documentário** que venha a ser planejados, criados e/ou produzidos por PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, com sede UNIVERSITY SECTOR - AV, UNIVERSITY 1440 - SETOR LESTE UNIVERSITÁRIO, GOIÂNIA - GO, 74175-120, sejam essas destinadas à trabalho acadêmico, divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados em mídia eletrônica (vídeos e filmes para programas de televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e **formação de acervo histórico**, sem qualquer ônus à PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS ou terceiros por essa expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sócio-cultural em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Goiânia, 27 de setembro de 2021.


Assinatura

Nome:	Juarez Russan Queiroz Zanoni
Endereço:	Av Carlos Magalhães nº 943
Cidade:	Alto Araguaia
RG Nº:	6011564
CPF Nº:	052849271-33
Telefone para contato:	(66) 996757666
Nome do Representante Legal (se menor):	

APÊNDICE III
AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO

O aluno Luiz Otávio Borges da Silva, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em 2021, autoriza a reprodução por parte da Universidade da obra feita para o trabalho de conclusão de curso.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL
 Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
 Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
 Goiânia | Goiás | Brasil
 Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62) 3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n° 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Luiz Otávio Borges do Curso de Jornalismo, matrícula 2018.1.0127.0126-4, telefone: (66) 99974-0351, e-mail: luizotavioborges04@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Mercadoria Humana, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 02 de dezembro de 2021.

Assinatura do(s) autor(es):

Luiz Otávio Borges da Silva

Nome completo do autor:

Assinatura do professor-orientador:

Elisani de F. Costa Oliveira